



A presença da Lusofonia nos manuais de Português Língua Estrangeira (PLE)

The presence of Lusophony in Portuguese as a Foreign Language (PFL) handbooks

XURXO FERNÁNDEZ CARBALLIDO¹

Resumo

O conceito de Lusofonia, sobretudo referido ao espaço geográfico e demográfico, é habitualmente usado como chamariz como forma de angariação de alunos para as aulas de língua portuguesa no estrangeiro: “o Português é uma língua internacional”; “língua oficial em oito países de quatro continentes”; “uma língua falada por mais de 200 milhões de habitantes”; “uma língua que liga culturas diferentes”, etc. Este artigo tem como objetivo tentar fazer uma reflexão geral sobre qual é o peso do conceito de Lusofonia nas aulas de Português Língua Estrangeira (PLE) e analisar brevemente quais as imagens que se transmitem através dos principais manuais utilizados no processo de ensino e aprendizagem a estudantes estrangeiros, e as possíveis abordagens para alargar o espaço utilitário e simbólico que permita uma difusão complexa e não idealizada da língua portuguesa.

Palavras-chave: Ensino do Português Língua Estrangeira (PLE); Lusofonia; análise de manuais didáticos; imagens da Lusofonia; didática do Português Língua Estrangeira;

Abstract

The concept of Lusophony, especially referred to the geographic and demographic area, is usually used to attract students to foreign Portuguese lessons: “Portuguese is an international language”; “official language in eight countries from four continents”; “a language spoken by more than 200 million people”; “a language that links different cultures”, etc. The objective of this paper is to make a general analysis on the real value of the Lusophony concept in the Portuguese as a Foreign Language (PFL) lessons. It also aims to briefly analyse the images conveyed through the main handbooks used for the process of teaching and learning to foreign students as well as the possible approaches to broaden the use and symbolic area, allowing a complex and non-idealized of Portuguese language.

Keywords: Portuguese as a Foreign Language (PFL); Lusophony; handbook analysis; Lusophony images; Portuguese as a Foreign Language (PFL) teaching techniques;

1. A LUSOFONIA COMO CONSTRUÇÃO DE IDEOLOGIA LINGUÍSTICA

Lusofonia 1. Qualidade de ser português, de falar português; o que é próprio da língua e cultura portuguesa. 2. Comunidade formada pelos países e povos que têm o português como língua materna ou oficial. 3. Difusão da língua portuguesa no mundo.

¹ Centro de Línguas Modernas, Universidade de Santiago de Compostela, Galiza, xurxo.fernandez@usc.es

Eis as definições do verbete **Lusofonia** no *Dicionário da língua portuguesa contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa. Apresenta-se normalmente a lusofonia como “um continente imaterial disperso por vários continentes” (Cristóvão, 2008: 29) e neste espaço “cabem todos os lusófonos, isto é, os que usam a língua portuguesa, independentemente do lugar.” (Cristóvão, 2008: 26).

Neste artigo defende-se a ideia da Lusofonia como uma elaboração teórica que emana de uma determinada conceção ideológica da língua e que, no espaço europeu, tem analogia com outras formulações semelhantes como Francofonia, Anglofonia ou Hispanofonia. Ou seja, espaços geográficos, culturais, económicos e sociais que utilizam em diferentes graus uma mesma língua, embora as realidades e as motivações de cada uma destas fonias sejam diferentes.

De facto, falarmos, ouvirmos ou lermos temas relacionados com a francofonia, o âmbito hispano ou a commonwealth¹ é para o conjunto das sociedades internacionais algo mais do que habitual, embora muitas vezes estes conceitos, no seu tratamento informativo e mesmo académico, sejam quantificados e analisados quase exclusivamente em termos de grandeza ou importância duma língua.

Podemos constatar esta situação nas toneladas de páginas e artigos que se dedicam nos jornais portugueses e internacionais ao tema da expansão do português, do do inglês ou do espanhol pelo mundo fora, do retrocesso do francês no ensino obrigatório e na diplomacia ou nas constantes polémicas sobre a institucionalização das diversas línguas europeias no seio da União Europeia e nos seus vários organismos.

As línguas acabam por também serem analisadas segundo critérios diplomáticos, desde a presença em organismos internacionais – o português teria uma posição em destaque graças ao Brasil –; o peso demográfico dentro da UE – aqui o português estaria por baixo de línguas não-estatais como os 11 milhões de falantes de catalão –; ou o argumento da “importância” no âmbito político, científico e económico. É por isso que recentemente foram escolhidas inglês, francês e alemão como as únicas línguas para as patentes europeias, para desgosto dos estados que representam outras línguas².

No entanto, também se produzem debates muito complexos dentro dos próprios âmbitos linguísticos supostamente comuns ou que partilham, na teoria, uma mesma língua ou cultura. Portugal e o Brasil competem muitas vezes, mesmo nas instituições internacionais, pelo mesmo espaço.

Esta falta de entendimento tem repercussões para identificar internacionalmente a Lusofonia como um espaço real, sobretudo na promoção da língua, que

¹ Termos como anglofonia ou hispanofonia não são errados mas carecem de tradição dentro do espaço linguístico internacional do inglês ou do espanhol.

² O conhecido como Acordo de Londres teve repercussões no plano das estratégias político-culturais de vários países. Também na Assembleia da República Portuguesa http://app.parlamento.pt/DARPages/DAR_FS.aspx?Tipo=DAR+II+s%C3%A9rie+A&tp=A&Numero=45&Legislatura=XI&SessaoLegislativa=2&Data=2010-12-04&Paginas=20-23&PagIni=0&PagFim=0&Observacoes=Substitui%C3%A7ao+do+texto+apresentado&Suplemento=.&PagActual=0&pagFimDiarioSupl=&idpag=534929&idint=&idact=

devemos enquadrar na competência entre línguas europeias supraestatais: inglês, espanhol, alemão e francês.

No espaço da Lusofonia há vários desencontros que põem em causa o seu próprio reconhecimento e funcionalidade no plano internacional das políticas linguísticas:

- Algumas elites portuguesas continuam a fazer da língua portuguesa um símbolo de expansão, quando não de neo-colonialismo. Um património que lhes pertence e do qual são os donos, os senhores e os patrões. Uma espécie de senhorio, no qual os outros partícipes são apenas condóminos.
- Os encontros e desencontros Portugal-Brasil podem acabar por ser exagerados nesta competência linguística internacional, mas também podem evidenciar as diferenças existentes. As confusões entre as encomendas do Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP), do Instituto Camões (IC) e o projeto brasileiro do Instituto Machado de Assis (IMA) são uma amostra.
- A questão do Acordo Ortográfico (AO) é um exemplo das dificuldades de harmonizar as representações, as legitimidades e os imaginários lusófonos³.
- A ausência de um organismo interlusófono que harmonize a terminologia, a linguagem científica ou os empréstimos, faz com que não haja um referente comum, homogéneo e socialmente aceite sobre a patrimonialidade da língua portuguesa.
- Tensões e feridas ainda por sarar. Os processos históricos conflituosos precisam o seu tempo para serem ultrapassados pelos seus protagonistas.

O já falecido professor Alfredo Margarido analisou em diversos trabalhos estas contradições:

A diferença central entre a política determinada pelos PALOP, utilizadores da língua portuguesa, mas obrigados a considerar a existência de outras línguas nacionais, e a lusofonia, deriva do facto de esta considerar a língua portuguesa como uma criação do luso, habitante da Lusitânia que, desta maneira, provaria a superioridade dos seus herdeiros directos, os lusos, quer dizer, os portugueses. A língua deixaria assim de ser um instrumento capaz de ser utilizado por qualquer grupo ou mesmo indivíduo, pois seria não só a criação mas sobretudo a propriedade dos portugueses. Se partirmos, todavia, do princípio de que a língua pertence àqueles que a falam, regista-se uma profunda autonomia dos locutores de português. Se esperamos que a língua continue a expandir-se, devemos em contrapartida refrear o instinto de dominação que continua a marcar a sociedade portuguesa. Do colonialismo político passar-se-ia ao colonialismo linguístico. (Margarido, 2007)

Mesmo desde posições ideológicas muito distantes as conclusões podem ser similares:

³ Embora já existam alguns trabalhos sobre estas questões (ver, por exemplo, o número especial “Lusofonia and Its Futures”, *Portuguese Literary & Cultural Studies*, 2013, nº25), este debate precisaria maior aprofundamento, sobretudo desde a perspectiva dos que aplicamos os conhecimentos às aulas de PLE.

Por outro lado, as polémicas sobre o AO poderiam ser perfeitamente aproveitadas para uma análise sociológica sobre as representações da Lusofonia, da função das elites na construção de imagens que interligam as línguas e as sociedades, ao conceito de paternidade, propriedade, ou os preconceitos próprios e alheios sobre brasileiros, portugueses e africanos, direitos sobre a língua, etc.

As grandes línguas europeias que se expandiram globalmente por via imperial e colonial [...] são inevitavelmente marcadas por uma certa tensão linguística, cultural e política entre o país que deu origem à língua e os países que a adoptaram como fruto da história. Para todas estas grandes línguas europeias, lembre-se, há mais falantes da língua nas antigas colónias do que no país que deu origem à língua. (Machete & Vicente, 2010: 33)

Este último dado é fundamental, porque há uma grande contradição entre a promoção da língua portuguesa no exterior, baseada na Lusofonia, e a presença real nos manuais de aprendizagem da língua portuguesa como língua estrangeira, segundo a pesquisa realizada para este artigo e cujas referências estão na bibliografia. Os manuais analisados estão cheios de mapas a lembrarem os países onde a língua portuguesa é oficial, mas apenas como promoção do espaço geográfico e simbólico português.

Tais desequilíbrios demográficos têm consequências nas questões da autoridade sobre a língua. Por exemplo, os países de origem procuram invocar essa suposta fonte de legitimidade para defender o que consideram ser a autenticidade ou pureza da língua, o que origina inevitáveis tensões. (Machete & Vicente, 2010: 33)

Neste artigo a Lusofonia não é interpretada como uma outra forma de colonialismo. Bem pelo contrário, seria o espaço onde todos os que falamos português tenhamos um lugar interdependente, porque uma língua, a língua portuguesa, não transmite apenas uma cultura, mas veicula várias culturas em diferentes direções.

Para isso é preciso, se calhar, adaptar no dicionário a primeira aceção do verbete Lusofonia, para que todos possamos formar parte e estar à vontade dentro desta nossa comunidade.

Ora bem, ao nível académico – e não só – internacional há um reconhecimento geral da realidade lusófona. Ao contrário do que às vezes ocorre dentro do próprio espaço lusófono, a Lusofonia é um conceito já consolidado no âmbito linguístico mundial e dever-se-ia aproveitar a sua projeção para promover a língua portuguesa internacionalmente, com o objetivo de que todas as pessoas interessadas na aprendizagem desta língua saibam quais as vantagens do seu esforço.

De facto, a Lusofonia é apresentada como uma questão consubstancial à própria língua portuguesa: língua internacional, língua de quatro continentes, língua de duzentos milhões de habitantes, etc. Assim, o multifacetado conceito da Lusofonia é apresentado como uma das principais razões para estudar português como língua estrangeira.

A promoção da língua portuguesa no estrangeiro, sobretudo desde Portugal, está diretamente relacionada com o espaço lusófono. Às vezes apresentado como mais um produto português, outras como algo de origem portuguesa, e em menos ocasiões como uma complexa rede de relações de todo o tipo, que tem como fio condutor, a língua portuguesa.

A maioria dos políticos sente a regular obrigação de aclamar a língua de Camões e de Pessoa, independentemente das acções empreendidas e do conhecimento sobre “a realidade concreta” da língua portuguesa no mundo. (Machete & Vicente, 2010: 33)

Umas inércias que também se refletem nos manuais de PLE, embora se aprecie a evolução destes produtos educativos para o reflexo de uma realidade plural e diversa. Um espaço lusófono plural que vá ao encontro das outras lusofonias.

O meu país é um território de muitas nações. O idioma português é uma língua de uma dessas nações – um território cultural inventado por negros urbanizados, mestiços, indianos e brancos.

Sendo minoritário e circunscrito às cidades, esse grupo ocupa lugares-chave nos destinos políticos e na definição daquilo que se entende por moçambicanidade.

Esse é o Moçambique lusófono. Esse é o país que se senta nos fóruns que decidem sobre a lusofonia. Os outros moçambicanos das outras nações moçambicanas correm o risco de ficar de fora, afastados dos processos de decisão, excluídos da modernidade. (Mia Couto, 2009: 187)

2. A LUSOFONIA NOS MANUAIS DE PLE

O núcleo da investigação neste artigo é fazer um primeiro contributo à relação entre o conceito da Lusofonia e a didática de PLE, ou melhor dizendo, como são trasladados as diferentes concepções da Lusofonia para a sala de aulas, sobretudo nos manuais, para além das palavras protocolares e os mapas socialmente aceites.

Uma pesquisa pelos principais métodos de português língua não materna (PLNM), português língua segunda (PL2) e português língua estrangeira (PLE) utilizados nas salas de aulas do Estado espanhol deveriam ser esclarecedores de como é apresentada a Lusofonia nestes manuais. De facto, e ao contrário do que ocorre noutros itens dos conteúdos, desde os gramaticais até os comunicativos, nós, enquanto docentes, não sabemos muito bem que interesse pode ou deve ter para os alunos as abordagens pedagógicas sobre a Lusofonia.

Por outro lado, como já foi analisado, uma construção ideológico-linguística como a Lusofonia também traz ao produtor de métodos, mas sobretudo ao docente, dúvidas sobre que ideias da Lusofonia transmitir.

Há métodos que colocam os países lusófonos como ex-colónias de Portugal e, por tanto, continuadores da cultura portuguesa. Há manuais que calculam a Lusofonia em forma de balança numérica em face a outras línguas. São os métodos mais modernos os que trabalham com um conceito de Lusofonia complexo e abrangente que tenta ultrapassar as dificuldades ideológicas e de supremacia, mas não oculta as contradições existentes na hora de tratar realidades tão diferentes e que, sobretudo, seja uma mais-valia para os estudantes das aulas de PLE.

À volta da Lusofonia há inúmeras atividades e reflexões feitas e ainda por fazer em todas as áreas das ciências humanas, mas é preciso introduzir um debate pedagógico – é evidente que também é um debate ideológico – necessário para estabelecer os alicerces de uma didática pedagógica da Lusofonia adaptada aos diferentes contextos e sensibilidades onde o português é ensinado como língua segunda, língua não materna ou língua estrangeira.

A falta de adaptação da translação do conceito Lusofonia segundo as distintas sensibilidades sociais e nacionais talvez seja um dos grandes problemas que apresentam os métodos analisados. A lusofonia não pode ser apresentada e trabalhada da mesma maneira em Cabo Verde, na Galiza, em Marrocos ou nos Estados Unidos. Por várias razões, não apenas pedagógicas, mas também porque o horizonte de expectativas, as experiências e as construções ideológicas dos formandos são muito diferentes.

Atualmente todo o trabalho pedagógico sobre a aprendizagem, o ensino e a avaliação alicerça-se nos preceitos do *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR), assim, o Quadro dá uma importância central ao conhecimento sociocultural:

“Estritamente falando, o conhecimento da sociedade e da cultura da(s) comunidade(s) onde a língua é falada é um dos aspectos do conhecimento do mundo. É, no entanto, suficientemente importante para merecer uma atenção especial, uma vez que, ao contrário de muitos outros aspectos do conhecimento, parece provável que este conhecimento fique fora da experiência prévia do aprendente e seja distorcido por estereótipos.” (Conselho da Europa, 2001:148)

Repare-se que na mesma redação do texto é assinalada a própria pluralidade dos contextos, das sociedades e das comunidades onde a língua é falada, e por isso o docente deveria consciencializar os formandos desta realidade plural e mesmo contraditória, à qual se vão ter que confrontar os utilizadores fora da sala de aula.

O QECR continua a elaboração teórica deste item assinalando que os aspectos distintivos característicos de uma determinada sociedade europeia e da sua cultura podem estar relacionados, por exemplo, com:

1. A vida quotidiana;
2. As condições de vida;
3. As relações interpessoais;
4. Os valores, as crenças e as atitudes;
5. A linguagem corporal;
6. As convenções sociais;
7. Os comportamentos rituais.

No caso da língua portuguesa esta ligação entre sociedade, cultura e língua abrange espaços geográficos, sociais, históricos, simbólicos e mesmo sentimentais muito diferentes, por exemplo no 4º ponto - *Os valores, as crenças e as atitudes*- devemos trabalhar temas tão complexos como a política, a história, a religião, as etnias, etc., que muitas vezes foram derivados de situações de confronto.

É certo que esta é uma dificuldade inata ao próprio conhecimento das ciências sociais e de transmissão de conhecimentos, mas nos contextos nacionais os factos e as realidades são transmitidas normalmente de maneira consensual e homogênea. Por exemplo, o processo de descolonização angolano vai ter uns protagonistas e umas perspectivas de abordagem diferentes em Portugal ou em Angola, mas dentro do âmbito do ensino os conhecimentos serão transmitidos de maneira quase

idêntica em cada um dos dois países, segundos os critérios geralmente estabelecidos, incluídos os programas de estudo e os manuais escolares, muito mais rígidos do que se poderia pensar.

Mas, quais os materiais e as perspectivas que um professor/a de PLE deve selecionar? Artigos com perspectivas idênticas às transmitidas em cada um dos respetivos países? Esta é normalmente a escolha feita pelos professores nacionais⁴.

Pelo contrário, os professores estrangeiros de PLE deveríamos ter maior liberdade e não fugir de programas didáticos que exponham as próprias dificuldades de entendimento e construção em que se insere a Lusofonia e, aliás, qualquer outro projeto linguístico transnacional. Obviamente as escolhas devem estar sempre balizadas pelo nível dos estudantes, a sua idade, onde se insere o processo de ensino/aprendizagem e com os objetivos pedagógicos bem definidos ou delimitados.

Esta é uma grande vantagem dos professores não nacionais que ensinamos PLE, alguma distância sentimental sobre os debates e menos empenhamento nacional à volta dos muitos debates, estereótipos e estórias das histórias que envolvem em alguma desconfiança as relações interlusófonas. Assim, podemos trabalhar conteúdos polémicos, menos consensuais e que ensinem uma outra Lusofonia mais contraditória ou menos consensual pelos poderes políticos (e politicamente corretos) da CPLP, por exemplo.

Trabalharmos essas sensações, positivas ou negativas, que os estudantes trazem para as aulas de PLE depois de terem interações e experiências comunicativas reais com membros, com falantes, com cidadãos da Lusofonia.

Em geral, os docentes e os manuais podem-se situar em duas visões polarizantes do conceito de conteúdo lusófono:

1. Tudo o que trabalhamos desde o primeiro dia é conteúdo lusófono.
2. O conteúdo lusófono é percebido como um acréscimo, uma picada de sal ou uma especiaria exótica no bloco central dos conteúdos.

Às vezes há a sensação que nós, enquanto docentes, somos pessoas tão obcecadas com os procedimentos pedagógicos que perdemos alguma naturalidade no desenvolvimento das nossas tarefas educativas.

Qualquer cidadão ocidental recebe ao longo de uma jornada diferentes inputs em várias línguas – inglês, francês, português, espanhol, principalmente – através de músicas, informações, na internet, na publicidade, etc. e nunca tem essa sensação de não ter o nível linguístico suficiente para receber essa mensagem. O receptor recebe, e segundo os seus conhecimentos, interesses ou curiosidades vai tirar maior ou menor proveito dessa situação comunicativa.

Parvaux (2005) reflexiona sobre que português ensinar como língua estrangeira e a esse respeito, é evidente que quando as línguas abrangem espaços geográficos

⁴ Um professor brasileiro trabalhava nas aulas galegas uma unidade didática com um texto do historiador brasileiro Fernando Novais sobre a colonização que dificilmente seria trabalhado por um docente português: “Descoberta? Que história é essa?”. Título, ele mesmo esclarecedor da visão do “descoberto”.

tão alargados o professor deve fazer uma escolha sobre o padrão da língua portuguesa que se vai ensinar.

No contexto do Estado espanhol o Português europeu é a referência, por uma questão lógica de proximidade geográfica e cultural, mas também é perceptível o acréscimo de alunos que procuram professores brasileiros para aprender português, por razões pessoais ou profissionais, aproveitando as grandes oportunidades económicas que o Brasil está a oferecer atualmente.

São muitos os alunos que chegam às aulas de PLE porque gostavam de Caetano Veloso ou Mariza, viajaram ao Rio de Janeiro ou Guimarães, para logo nunca mais trabalhar outros conteúdos que não os nacionais da preferência do docente. Estas situações são excessivamente redutoras de uma realidade complexa como a Lusofonia.

Eis a grande contradição: enquanto a Lusofonia é um dos principais argumentos para estudar língua portuguesa como língua estrangeira, os conteúdos dos métodos e das aulas de PLE excluem a Lusofonia, não trabalham a Lusofonia, nem tentam formar falantes lusófonos.

Nos manuais analisados existe muitas vezes um objetivo legitimador e paternalizador da Lusofonia não inserido na programação didática. É frequente a apresentação de um mapa dos países onde o português é língua oficial mas sem qualquer tipo de elaboração pedagógica⁵.

⁵ Para agilizar a leitura, apenas se inserem as imagens mais ilustrativas, indicando o título e data da publicação. Para uma informação completa veja-se a bibliografia sobre os manuais pesquisados.

Ex. 1. *Português para Todos 1* (2000: 0).



Imagem 1

Por outro lado, mesmo após a incorporação do Acordo Ortográfico, existe uma prevalência de exercícios comparatísticos sobre a ortografia e o léxico.

Ex. 2. *Português XXI-3* (2005: 175).

3. A *delinquência* juvenil não é somente um problema das grandes cidades. *Queiramos* ou não, ela também acontece nas *pequenas* vilas e aldeias.
4. O bilhete custou *cinquenta* euros. No ano passado, custava *quarenta e quatro*.
5. Também podemos encontrar *tranquilidade* nas grandes cidades.
6. Ele não *aguenta* mais tanto trabalho.
7. Você sabe *qual* é o seu grupo *sanguíneo*?

3- Algumas palavras e expressões que aparecem nos diálogos e textos da unidade têm um equivalente diferente no português europeu. Seguem-se alguns exemplos dessas palavras.

Vocabulário

Português do Brasil

gripado
ônibus
Oi!
desmatamento
estressante
canudinho

Português europeu

engripado
autocarro
Viva! / Olá!
desflorestação
stressante
palhinha

Lembra-se de mais algumas? Acrescente à lista as que se lembrar.

175

Imagem 2

Ainda há uma grande presença de conteúdos estereotipados: a língua portuguesa como integradora de culturas, capacidade de mestiçagem e convívio com culturas diferentes.

São processos didáticos que fogem de uma abordagem complexa das realidades analisadas. Isto provoca muitas vezes contradições entre a suposta realidade apresentada e as experiências dos formandos a partir das vivências reais, ao terem contato com pessoas lusófonas dos diferentes países, especialmente quando se trabalha com alunos adultos.

Ex. 3. *Português Mais* (1997: 70).



Imagem 3

Estes elementos sem elaborações didáticas servem mais como justificação política do ensino do português do que para transmitir conhecimentos linguísticos.

Ex. 4. Português a toda a Rapidez (2005: 159).

A Língua Portuguesa

PLE
Português Língua Estrangeira

Início Actividades Bases Informação Índice

10 Razões para Aprender Português

A língua portuguesa e a lusofonia

- 1 Língua de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.
- 2 Língua de uso em Macau, Timor e Goa.
- 3 Língua de trabalho em Organizações Internacionais:
 - ACP - Países de África, Caraíbas e Pacífico
 - Mercosul
 - OEI - Organização dos Estados Iberoamericanos
 - OUA - Organização de Unidade Africana
 - SADC - Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral
 - UE - União Europeia
 - UL - União Latina
 - UEMOA - União Económica e Monetária da África Ocidental
- 4 Língua que une 200 milhões de falantes.
- 5 Língua suporte de identificação de comunidades lusófonas: Alemanha, África do Sul, Austrália, Canadá, EUA, França, Luxemburgo, Suíça, Venezuela...
- 6 Língua de acesso ao conhecimento de um tempo histórico que revolucionou a imagem do planeta.
- 7 Língua de vitalidade comercial e diplomática, língua de evangelização e mediação religiosa.
- 8 Língua que permanece inalterável como legado jurídico, em zonas de anterior administração portuguesa.
- 9 Língua que viajou por toda a Terra, deixando uma herança fonética e semântica.
- 10 Língua difundida nas sete partidas do mundo em formas ancestrais, como as crenças, os costumes, os ditados e os provérbios.

EXERCÍCIO K (i)

Quais os motivos porque queres aprender português?

EXERCÍCIO K (ii)

Escreve agora os motivos para se aprender a tua própria língua.

ENSINO PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO

Existem Serviços de Ensino Português junto das representações diplomáticas dos seguintes países: Espanha, França, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, Reino Unido, Alemanha, Suíça, África do Sul, Namíbia, Estados Unidos da América e Canadá.

O Ensino Português no Estrangeiro engloba uma Rede Oficial e uma Rede Particular de Cursos de Língua e Cultura Portuguesas.

As candidaturas de professores para colocação no estrangeiro obedecem aos requisitos estipulados pelo D.L. 13/98 de 24 de Janeiro.
(Para mais informações contacte o NEPE - Depart. da Educação Básica)

Vigora um Sistema de Avaliação e Certificação de Português Língua Estrangeira firmado por protocolo entre o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Ministério da Educação e a Universidade de Lisboa, reconhecido internacionalmente.

Os exames são organizados pelo Centro de Avaliação do Português Língua Estrangeira (CAPLE), na Faculdade de Letras de Lisboa.

Para mais informações sobre estes assuntos, consultar o site do Departamento da Educação Básica: <http://www.deb.min-edu.pt>

PAÍS	PROFESSORES	ALUNOS	CURSOS
REDE OFICIAL DE CURSOS			
África do Sul	45	4453	92
Alemanha	134	7300	270
Bélgica	18	1166	70
Espanha	79	8891	115
França	157	18403	804
Holanda	3	242	21
Luxemburgo	55	4777	387
Reino Unido	39	2403	154
Suíça	132	12269	819
REDE PARTICULAR DE CURSOS			
Austrália	13	453	16
Bermuda	1	73	1
Canadá	227	4255	46
EUA	195	3518	63
Venezuela	6	34	4
Namíbia	3	-	-
Zimbábue	3	-	-

Imagem 4

Recorrente recurso a conteúdos históricos, “as descobertas”, “as colónias”, inseridos em visões históricas uniformizadas, embora seja certo que é um procedimento cada vez menos presente nos manuais mais modernos.

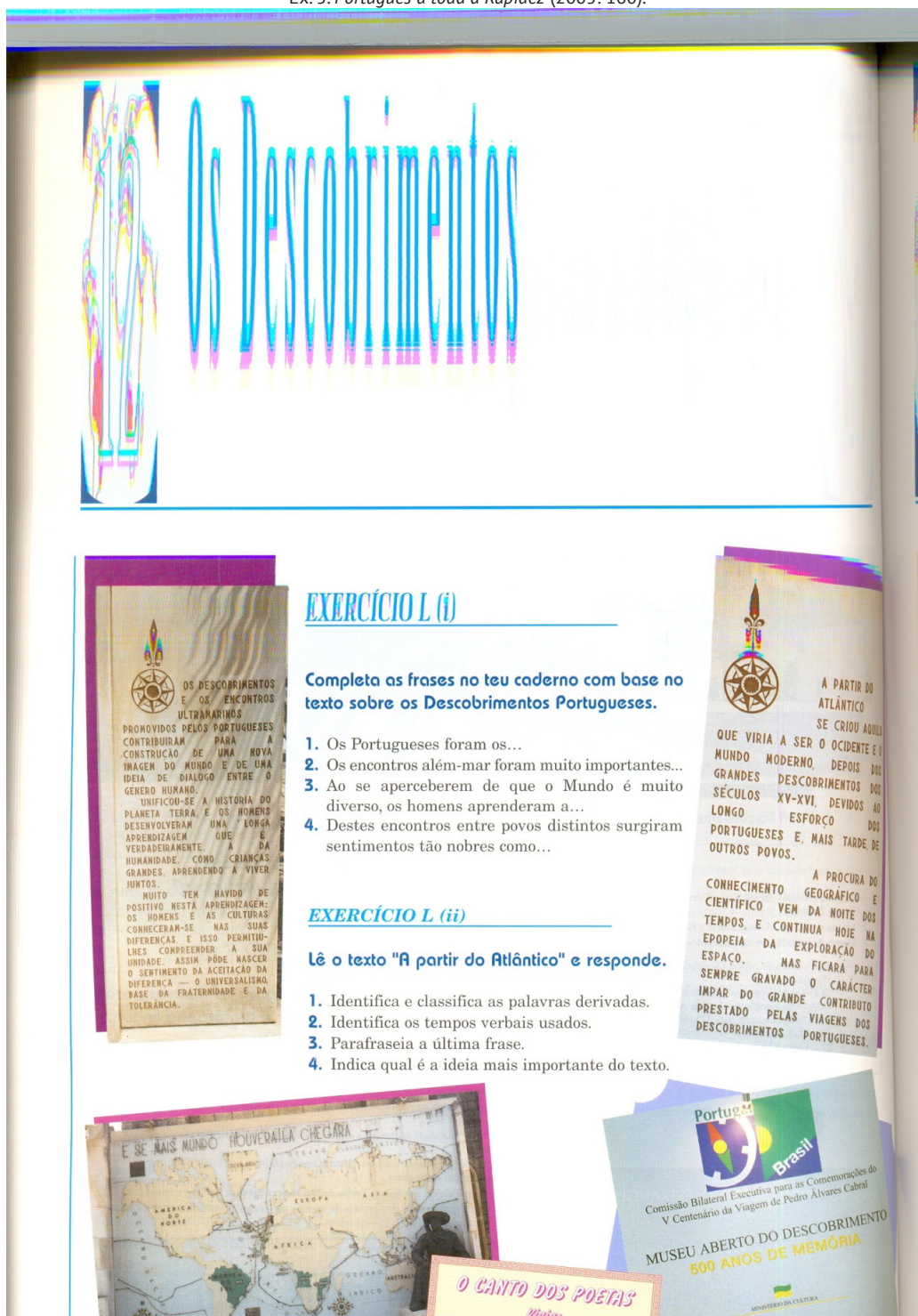
Ex. 5. *Português a toda a Rapidez* (2005: 160).

Imagem 5

Por outro lado, documenta-se uma distribuição tópica dos conteúdos identitários: Brasil (carnaval), África (etnias, casas tradicionais, etc.). Mas neste ponto deve ser feita uma observação muito importante, mesmo fundamental, para analisar a presença da Lusofonia nos manuais de PLE e, por extensão à didática da, sobre ou para a Lusofonia nas aulas de PLE. É o facto de que, de maneira geral, os áudios onde

se fala sobre os países lusófonos ou os diálogos onde supostamente falam pessoas de países da Lusofonia sejam interpretados por portugueses, de sotaque lisboeta. Uma incoerência absoluta e uma falta de rigor total estar a substituir as vozes lusófonas por vozes portuguesas, com um sotaque, aliás, muito determinado.

Repare-se na contradição: o português é oferecido no estrangeiro como uma língua que pode servir para comunicar com pessoas de diferentes países além Portugal, mas depois essa língua, esses sotaques, essas realidades diversas são homogeneizadas, em definitiva, apagadas.

Por último, embora no mercado existam dois manuais com o título de *Lusofonia*, estes dois manuais, de nível básico e avançado, foram feitos a meados da década de noventa e ficaram muito desatualizados desde a perspetiva pedagógica e didática atual. Ora bem, também é justo reconhecer que esta obra tem uma perspetiva abrangente da Lusofonia que não teve continuação noutros manuais, sem fugir de possíveis controvérsias ou polémicas.

Ex. 6. Lusofonia (1995: 151).



Imagem 6

Curiosamente é uma obra feita nos Estados Unidos, mas por isso mesmo pouco conhecida na Europa, *Ponto de Encontro*, o manual que atualmente mais se aproxima a uma visão plural da Lusofonia. Ou seja, que com independência do modelo ensinado / aprendido o formando tenha a perspetiva de que o esforço permite o acesso a um espaço cultural e geográfico plural e, ao mesmo tempo, coeso.

Ex. 7. Ponto de Encontro (2006: 4).



Imagem 7

Por último, em todos os manuais brasileiros pesquisados, a ausência de referências à Lusofonia nos manuais brasileiros é absoluta. Nem se refere o nome, nem o conceito.

A perspectiva linguística nestes manuais brasileiros é sempre, única e exclusivamente, do Brasil. A hipótese de trabalho é se esta ausência da ideia da Lusofonia pode ser interpretada como uma renúncia deslegitimadora ao que se referiu como patrimonialização da língua portuguesa por parte de Portugal.

Também pode ser o resultado do que foi analisado no anterior capítulo, a importância demográfica, social, económica, política e cultural do Brasil é tão

avassaladora dentro da Lusofonia que não precisa os mecanismos de legitimação que Portugal põe em funcionamento quando se divulga no exterior, através, justamente, do conceito lusófono, interpretado aqui, como origem, ou autenticidade.

3. CONCLUSÕES

Poderíamos falar de um falante lusófono? Ou seja, uma pessoa que sem ter o português como língua materna, aprenda esta língua e tenha competência comunicativa para interagir com todos os falantes da comunidade lusófona. Ou, se calhar, a ideologia linguística à volta do conceito da Lusofonia pode fazer pensar que um estudante estrangeiro pode ter as mesmas necessidades linguístico-ideológicas, como se fosse um português mais ou um brasileiro qualquer?

Seria um erro interpretar que todos os falantes devem ter as mesmas competências que um falante da língua materna, variante portuguesa. Quer dizer, o objetivo do falante lusófono deveria poder adaptar a cada realidade a afirmação do Mia Couto: “a minha pátria é a minha língua portuguesa” (Mia Couto, 2009: 195). Um processo sintomático do sucesso de promoção internacional da língua portuguesa, um pouco em comparação com o que se passa com o inglês, onde a maioria dos falantes não têm como língua materna o inglês, ou onde a realidade multilingue não é empecilho para o seu conhecimento e utilização.

O formando em PLE deveria procurar os seus próprios caminhos para chegar ao espaço lusófono, o que supõe do professor um trabalho geral à volta de todas as competências. É algo que já vivemos na Galiza mas que poderia ser extensível a outras realidades sem tantas ligações à estreita identificação da Lusofonia dos oito países oficiais.

Segundo o QECR:

Estritamente falando, o conhecimento da sociedade e da cultura da(s) comunidade(s) onde a língua é falada é um dos aspectos do conhecimento do mundo. É, no entanto, suficientemente importante para merecer uma atenção especial, uma vez que, ao contrário de muitos outros aspectos do conhecimento, parece provável que este conhecimento fique fora da experiência prévia do aprendente e seja distorcido por estereótipos. (Conselho da Europa, 2001:148)

Para atingir esses objetivos seriam precisas algumas mudanças nos manuais de PLE e também na própria formação dos docentes para que a Lusofonia tivesse um papel de destaque nas aulas internacionais de língua portuguesa.

- Estabelecer diferentes conteúdos segundo os contextos de aprendizagem e os formandos. A apresentação da Lusofonia não pode ser idêntica na Galiza, na Catalunha ou na Suíça. Por outro lado, também uma criança se pode aproximar à Lusofonia, mas não pode fazer o mesmo percurso que um jovem ou um adulto.
- Potenciar os conteúdos da competência auditiva e compreensão escrita em detrimento da competência gramatical ou de expressão escrita, ao contrário do que se passa normalmente.

- Não ter pânico às possíveis confusões entre normas, ou seja, não reduzir o ensino ao (re)conhecimento(s) das norma(s).
- Procurar e provocar prazer nos estudantes e nos docentes para além de programações. Música, cinema, literatura, internet, etc. costumam ser as melhores ferramentas para conferir a dimensão real da Lusofonia.
- Se a Lusofonia é abrangente não limitemos o seu conhecimento a um determinado nível. Ou seja, não circunscrever a presença de qualquer variante da língua para uma qualquer unidade, num nível determinado. Por isso, o estudante não deveria demorar vários níveis para ter o primeiro contato com o português brasileiro, africano ou europeu. Seria preciso introduzir, sobretudo em compreensões auditivas, os diferentes sotaques desde os primeiros níveis, aliás, como é prática habitual nas aulas de PLE na Galiza, para além do que determinem os manuais.
- Respeitar e não disfarçar as dificuldades, mesmo as tensões, e os choques linguísticos e culturais dentro do espaço lusófono. Sobretudo quando os formandos, a pouco que sintam curiosidade, rapidamente vão aperceber-se de algumas dissintonias no que, às vezes, é apresentado como um mar calmo e harmónico.
- Potenciar a competência comunicativa. Esse deveria ser um objetivo primordial, transmitir a ideia de que, com independência do modelo de português utilizado, as potencialidades comunicativas são maiores.
- Trabalhar menos as diferenças ortográficas. A questão do AO gera, logicamente, mais polémica nos próprios países assinantes, mas esses debates não deveriam transladar-se aos aprendentes de português. Não faz muito sentido trabalhar nos manuais pequenas diferenças ortográficas quando o importante deveria ser apresentar a unidade da língua e, sobretudo, as capacidades de comunicação. Ou seja, colocar o que une a língua por cima das diferenças, ainda que sejam sistemas autónomos.
- Aumentar a consciência linguística lusófona dos estudantes através da competência da compreensão oral com áudios onde haja diferentes variedades do português.
- Não isolar os conteúdos lusófonos em unidades específicas mas como transversalidade do conhecimento do aluno, segundo as próprias características da turma.
- Ultrapassar simbolismo a mais e factos históricos descontextualizados. Algo que pode ser assumido como supremo imaginário nacional num lugar pode ser contraproducente noutros contextos. Da análise dos manuais de PLE fica demonstrado que esse simbolismo acrítico é quase unânime.

Neste artigo foram introduzidas as principais ideias para uma análise geral dos manuais utilizados no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de PLE no Estado espanhol. Manuais que também são os mais utilizados no espaço europeu, especialmente os da editora portuguesa Lidel, pelo que os resultados do trabalho podem ser alargados a outros contextos, com as necessárias adaptações, evidentemente.

Outro dos objetivos foi ilustrar a partir de exemplos, com os limites espaciais de um artigo, como os manuais de PLE acabam por reproduzir – ou ocultar, no caso dos manuais brasileiros – as conceções ideológicas nacionais sobre a Lusofonia.

Por último, seria interessante que equipas com visões plurais se pudessem lançar ao desafio de construir materiais de PLE supranacionais, materiais lusófonos, traçando assim, entre todos, uma nova didática diversificada para a Lusofonia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Chancelete de Machete, Rui & Vicente, António Luís (2010) *Língua e cultura na política externa portuguesa. O caso dos Estados Unidos da América*, Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.
- Conselho da Europa (2001) *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*, Porto: Edições Asa.
- Couto, Mia (2009²) 'Luso-Afonias – A Lusofonia entre Viagens e Crimes' in *e se Obama fosse africano? E outras interinvenções*, Lisboa: Caminho.
- Cristóvão, Fernando (2008) *Da Lusitanidade à Lusofonia*, Lisboa: Almedina.
- De Castilho, Ataliba T. (2005) 'Língua portuguesa e política lingüística: o ponto de vista brasileiro' in VV.AA. (2005) *A língua portuguesa: presente e futuro*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Margarido, Alfredo (2007) 'A Lusofonia, outra forma de colonialismo', *Le monde diplomatique*, II série, n.º 5.
- Parvaux, Solange (2005) 'Convergência e divergência no espaço da língua portuguesa' in VV.AA. (2005) *A língua portuguesa: presente e futuro*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rocha, João Cezar (ed.) (2013) "Lusofonia and Its Futures", *Portuguese Literary & Cultural Studies*, nº25, Massachusetts, Tagus.

MANUAIS ANALISADOS

- Antunes, Francisco Pelicano, Matos, Maria Isabel & Clero, Ana Paula (1997) *Português mais para os níveis avançados de português língua estrangeira*, Porto: Porto Editora.
- Avelar, António [et al.] (1995) *Lusofonia. Curso avançado de português língua estrangeira*, Lisboa: Lidel.
- Avelar, António [et al.] (1996) *Lusofonia. Curso básico de português língua estrangeira*, Lisboa: Lidel.
- Carmo, Leonete (2004) *Olá! Como está?*, Lisboa: Lidel.
- Dias, Ana Cristina (2009) *Entre Nós 1. Método de português para hispanofalantes*, Lisboa: Lidel.
- Dias, Ana Cristina (2010) *Entre Nós 2. Método de português para hispanofalantes*, Lisboa: Lidel.
- Klobucka, Anna M. [et al.] (2006) *Ponto de encontro : Portuguese as a world language*, New Jersey: Pearson education.

- Laroça, Maria Nazaré de Carvalho [et al.] (1998) *Aprendendo português do Brasil : um curso para estrangeiros*, São Paulo: Pontes.
- Leiria, Isabel & Adragão, José Vítor (1988) *Dia-a-Dia: método de português*, Lisboa: Universidade Aberta.
- Leite, Isabel Coimbra & Coimbra, Olga Mata (1991) *Português sem fronteiras 3*, Lisboa: Lidel.
- Leite, Isabel Coimbra & Coimbra, Olga Mata (1995²) *Português sem fronteiras 1*, Lisboa: Lidel.
- Leite, Isabel Coimbra & Coimbra, Olga Mata (1997²) *Português sem fronteiras 2*, Lisboa: Lidel.
- Lima, Emma Eberlein O. F. [et al.] (1990) *Via Brasil - Um Curso Avançado Para Estrangeiros*, São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Lima, Emma Eberlein O. F. [et al.] (1991) *Avenida Brasil: Curso Básico Português para Estrangeiros*, São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Lima, Emma Eberlein O. F. & Lunes, Samira A. (2001²) *Falar... Ler... Escrever... Português. Um curso para estrangeiros*, São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Matos, Maria de Fátima Braga (1996) *Portuguesíssimo*, Porto: Porto Editora.
- Menezes e Cunha, M.F. [et al.] (1998) *Bem-vindo 1. Português língua estrangeira*, Lisboa: Lidel.
- Menezes e Cunha, M.F. [et al.] (1998) *Bem-vindo 2. Português língua estrangeira*, Lisboa: Lidel.
- Montero, Hélder Júlio Ferreira & Zagalo, Frederico João Pereira (2000) *Português para todos 1*, Salamanca: Luso-Española de Ediciones.
- Montero, Hélder Júlio Ferreira, Zagalo & Frederico João Pereira (2001) *Português para todos 3*, Salamanca: Luso-Española de Ediciones.
- Montero, Hélder Júlio Ferreira & Zagalo, Frederico João Pereira (2002) *Português para todos 2*, Salamanca: Luso-Española de Ediciones.
- Montero, Hélder Júlio Ferreira & Zagalo, Frederico João Pereira (2002) *Português para todos 4*, Salamanca: Luso-Española de Ediciones.
- North Westminster School of London, Departamento de Educação Básica (2005) *Português a toda a rapidez*, Lisboa: Lidel.
- Oliveira, Carla, Ballmann, Maria José & Coelho, Luísa (2006) *Aprender português 1*, Lisboa: Texto Editores.
- Oliveira, Carla & Coelho, Luísa (2007) *Aprender português 2*, Lisboa: Texto Editores.
- Oliveira, Carla & Coelho, Luísa (2007) *Aprender português 3*, Lisboa: Texto Editores.
- Silva, Jorge Dias [et al.] (1985) *Vamos aprender português 1*, Lisboa: Plátano Editora.
- Silva, Jorge Dias [et al.] (1988) *Vamos aprender português 2*, Lisboa: Plátano Editora.
- Tavares, Ana (2003) *Português XXI 1*, Lisboa: Lidel.
- Tavares, Ana (2004) *Português XXI 2*, Lisboa: Lidel.
- Tavares, Ana (2005) *Português XXI 3*, Lisboa: Lidel.